

O Monstro

Sento-me em meu lugar enquanto mamãe senta ao lado esquerdo da cadeira oposta a mim, na outra ponta da mesa de madeira de seis lugares. Vejo-a fechando os olhos cansados com olheiras e juntando suas mãos trêmulas em uma prece, com seus cabelos castanhos escuros de raízes brancas caindo sobre seu rosto e seus lábios, que pronunciam sussurros ao vento, também faço o mesmo e pergunto-me intimamente o que ela está falando e se eu também deveria as falar.

A minha volta está a pequena casa onde moramos, com seu papel de parede bege mofado e seu teto não forrado, deixando à mostra as vigas de madeira e a parte de baixo do telhado que há muito tempo deixou de ser limpo e, agora, abriga as aranhas sobre nossas cabeças. A minha frente, sobre a mesa de jantar estão as panelas de comida esfriando em cima de um pano de tricô branco, um pequeno armário permanece encostado à parede ao meu lado esquerdo com algumas chaves e contas jogadas sobre ele, ao lado do telefone fixo que cortaram na semana passada e, do meu outro lado, está a sala de estar com um sofá velho que conseguimos de uma doação e, na parede do outro lado, a televisão que só pega canais abertos e que saem do ar quando chove.

Mamãe separa suas mãos e abre novamente os olhos, eu faço o mesmo, imitando-a, ela olha para mim, fitando-me. Noto o seu rosto cansado e triste com marcas do sol e rugas, também a olho e vejo o seu olhar vazio, sem vida e opaco. Ela me dá um meio sorriso, mas seus olhos não retribuem a alegria e o afeto. Desvio o olhar com um sorriso sem graça e o vapor saindo das panelas passa a me chamar mais atenção, sei que não podemos comer ainda, mas minha barriga ronca e se contorce de dor e fome, mal posso evitar que meus pés batam na cadeira em constante impaciência.

Olho para o relógio na parede oposta, o ponteiro menor marca oito e o grande nove. Não sei o que isso significa e nem se estamos perto de começar a jantar, meus pés batem mais rápido e nervosamente na cadeira. Olho para as panelas e para o delicioso aroma que delas saem enquanto os ponteiros do relógio parecem não sair do lugar. Lembro-me da última vez que senti algo parecido. Era verão do ano passado e não havia mais ninguém em casa além de mim, caminhei de meu quarto até a cozinha em silêncio e encarei os ponteiros do relógio rodopiarem devagar. Cada passo, cada andar, cada avanço parecia durar uma eternidade e, ali, na mesma cadeira da mesa de jantar, fiquei fitando-os até que finalmente pudesse ver o sol despontar no horizonte através da janela da sala de estar.

- Feliz aniversário Lucas... – Disse cabisbaixo para mim mesmo vendo o nascer do sol ao longe pela janela da sala.

Naquele momento meus olhos se encheram em lágrimas e, sem que notasse, passaram a escorrer pelas minhas bochechas, caindo em minha camisa. Era meu aniversário, o dia em que celebramos junto das pessoas que amamos e relembramos a importância de nossa existência com bebidas e comidas fartas e saborosas, mas não para mim. Naquela manhã completei meus dez anos de idade, mas não havia festa, não havia bolo e sequer pessoas ao meu lado com quem pudesse conversar. Passei o dia sozinho em casa enquanto mamãe

trabalhava da madrugada até o entardecer, escutava somente o ranger das vigas do telhado e ficava, sem querer, aumentando minha fome lembrando as propagandas de comidas que assistia na TV até que, à noite, mamãe chegara ainda cansada, e preparava o jantar, assim como hoje.

Hoje em específico mamãe chegara atrasada e preparou a comida ainda com o uniforme de seu emprego, eu a via do outro lado da mesa com seu olhar frio cabisbaixo, seu corpo trêmulo, frágil e fraco e seu cabelo bagunçado com alguns fios soltos para os lados e frente ao rosto. Não ousava descer de minha cadeira, rompendo o silêncio no velho casebre que rangia com as brisas da noite. Não ousava atirar-me ao colo de mamãe e consolá-la com carícias e palavras gentis, pois, afeto algum houve em nossa casa enquanto cresci, portanto era algo que estava longe de minha compreensão, algo estranho aos meus olhos. Apenas permanecia ali, existindo em silêncio, em minha cadeira enquanto sonhava com um futuro próximo onde pudesse, finalmente, jantar.

Os pratos já estavam dispostos, as janelas e portas estavam fechadas, porém o frio ousava infiltrar-se por entre as frestas e rachaduras das paredes. Um vento gélido acanhava-nos em nossas cadeiras enquanto já não mais saía vapor das panelas sobre a mesa. Milhares de *tics* e *tacs* se passaram desde que mamãe e eu nos encolhíamos esperando a hora do jantar com o túbio da noite, os sons do relógio pareciam ficar mais altos a cada momento, penetrando minha cabeça, ecoando pela casa vazia e sobressaindo-se aos cantos dos grilos e corujas do lado de fora. Pergunto-me se eles também não estariam com fome e frio lá fora, como eu... Pobre animal.

Vi o ponteiro maior do relógio dar uma volta completa e, quando ele já estava no três e o pequeno no dez, escutamos barulhos metálicos do lado de fora. Mamãe e eu nos entreolhamos, e de repente um clima de tensão e medo tomou conta da casa, ela parecia mais nervosa enquanto eu permanecia pálido. Eu sabia de onde eram aqueles barulhos, sabia com certeza o que eles eram. O barulho metálico das correntes do portão de nossa casa, seguido do rangido da maçaneta de nossa porta. O que antes parecia apenas nossa casa vazia, agora, criara um enevoado de terror e sentíamos em nosso próprio abatedouro.

Naquele instante notei que mamãe estava completamente tomada por um caos e horror dentro de si, era quase audível o seu coração batendo forte e freneticamente em seu peito, quase saindo pela boca, junto de sua respiração pesada, seu olhar aberto e seus membros trêmulos e, sem querer, eu também a imitava. A porta abriu e se fechou de modo rápido. Olhei em direção a sala e um calafrio se apossou de mim como se aquela figura tivesse roubado minha alma, ela caminhava em passos pesados e incertos passando entre o sofá e a televisão. Com um vento frio que atravessara a porta até a mesa, ele entrou em nossa casa titubeando pelo piso, rompendo o silêncio do velho casebre e, ao mesmo tempo, desfocando de mim a atenção de todos os outros barulhos, como se o relógio e os animais lá fora fossem instantaneamente abafados pela figura a minha frente.

Seu corpo era instável e completamente negro, como um desenho delirante e denso rabiscado à lápis mudando constantemente, a cada segundo, para uma outra forma irregular rabiscada à lápis, também arabesco, possuía grandes garras nas mãos, orelhas triangulares levantadas no topo da cabeça e um olhar branco, sem órbitas ou fundo, apenas dois grandes

triângulos brancos. Um olhar vazio, devastador, furioso e sem vida, rompendo a alma de quem ousava fitá-lo. Mamãe e eu permanecemos em nossas cadeiras, cabisbaixos e imóveis, meus olhos o acompanhava pela casa e meus pés já não batiam mais na cadeira, enquanto o monstro adentrava pela sala, se atirando na cadeira vazia oposta a mim, na outra ponta da mesa e ao lado de mamãe.

Ele se levantou com seu corpulento e alto torso em direção as painéis, cravou suas garras nas comidas trazendo-as para mais perto de si e abocanhou toda a comida que suas manzorras conseguiram pegar, eu observava tudo aquilo perplexo enquanto mamãe permanecia com o olhar cabisbaixo fixo no chão e não ousava em nenhum instante desvia-los em direção ao monstro, que agora mastigava a comida. *Como podia aquilo acontecer?*, eu me perguntava, *como podia um ser desconhecido adentrar sem explicações pela porta de nossa casa, apossar-se de nossa comida e ficarmos parados, sem poder fazer nada, apenas assistindo-o?*. Por fim, com a testa franzida, ele cuspiu sobre a mesa toda a comida de sua boca enquanto limpava sua língua com suas próprias garras, lançando sobre a madeira escura em que estavam os pratos e painéis diversos pigmentos e frações da pasta branca e grossa de janta por ele mastigada.

Ele virou-se rapidamente para mamãe, seus olhos exorbitantes fuzilavam-na em fúria, e socou a mesa com força fazendo tudo sobre ela saltar, mamãe, assustada, levantou suas mãos ao rosto em um impulso e começou a chorar aos prantos enquanto o monstro berrava e rugia em seus ouvidos palavras irreconhecíveis, apontando para as painéis e restos de comida cuspidos. Sem saber o que fazer e completamente apavorado, as lágrimas passaram a escorrer pelo meu rosto, também, até que o monstro, após esbravejar ao vento toda a sua raiva, jogou-se novamente sobre a mesma cadeira, com desleixo.

Ainda restavam restos da janta sob a comida que a fera cuspira, mas já não importava mais, eu me atirei sobre a mesa, faminto, e enchi o prato de comida. Restava-me apenas saciar-me com o arroz, canja e batatas mal cozidas com a papa digerida que o monstro expeliu sobre eles. Com certo receio enfiar a primeira colherada na boca, toda aquela massa fria e pastosa se misturava em minha boca de um lado para o outro enquanto sentia o vômito de nojo alcançar minha garganta, mas com esforço engolia tudo e partia para o mesmo processo na segunda colherada, tentando calar o ronco que meu estômago fazia. Minha mãe continuava a chorar em sua cadeira com o monstro impaciente à sua direita.

Comia rapidamente ajoelhado sobre a mesa. Com as mãos, enfiava o máximo de comida possível na boca, mastigando-os pouco e engolindo para encher novamente a boca, naquele momento não ligava para a falta de higiene ou educação, pois nada disso faria diferença agora. Tudo que queria era saciar minha fome. Enquanto comia sentia-me cada vez mais enjoado, minha barriga contorcia-se em dor e a comida em meu estômago remexia-se fazendo barulhos e vibrações, algo não parecia estar certo. Mamãe, em sua cadeira, continuava a molhar seu pranto em soluços, não sei ao certo se tomada pelo medo ou se outra coisa a incomodava naquele momento, mas quanto mais ela soluçava e assuava o nariz, mais se era possível notar o estresse na cara do monstro que suspirava, balbuciava e rosnava para ela.

Após algum tempo já estava farto de tanta comida e mal podia segurar que a bile e o vômito não passassem pela minha garganta até que, de repente, mamãe estava aos prantos ainda choramingando quando a fera teve outro ataque de fúria levantando-se de sua cadeira impaciente e voltou a urrar e grunhir para mamãe, lançando-lhe um olhar inquisidor. Ele bateu com mais força na mesa fazendo-me perder o equilíbrio e cair junto a ela e as panelas para o lado. Mamãe se assustou com a mesa e a batida, dando um grito, o monstro rugiu e acertou-lhe com suas garras no rosto, eu tentei protegê-la porém estava caído ao chão, em meio aos restos de comida e cuspe da fera, ao lado da cadeira de mamãe.

Levantei-me do chão após dois escorregões que me fizeram cair e banhar-me mais ainda em toda aquela comida pastosa, vi a cena de mamãe em sua cadeira, chorando indefesa enquanto o monstro, furioso, acertava-lhe mais tapas e socos, esbravejando palavras das quais não conhecia nenhuma. Corri para ajudá-la, mas ela fora empurrada com a cadeira, caindo em cima de mim, ainda no chão, afastei-me um pouco, me arrastando. A fera veio em minha direção, levantou-me pelo colarinho de minha camisa, que começou a fazer barulhos de tecido rasgando enquanto machucava minhas axilas, então, colocou-me de pé no chão e fez sinal com a garra para que fosse para meu quarto.

Fiquei fitando-o pelos olhos. Seu olhar branco era vazio, arrogante, autoritário e cheio de ódio. Voltei-me para minha mãe, ela estava apoiando-se no chão com o cotovelo e uma das mãos, tentando-se levantar em meio à pasta de comida, ela olhou para mim com seus frágeis olhos castanhos e assentiu com a cabeça. O enjoo tomou conta de mim, vendo minha mãe naquele estado banhada em comida porcaria e cuspe da fera que a maltratou, senti meu estômago se revirar e um líquido quente raspando minha garganta até que saísse pela minha boca, molhando as pernas do monstro com uma gosma verde, podre e cheirando azedo com diversos pedaços da canja e grãos de arroz mal digeridos boiando em sua superfície. Ele recuou um passo, olhou para suas pernas encharcadas em vômito e acertou-me um soco no rosto após parar de vomitar. Eu caí para trás, no chão, com o impacto e após recobrar os sentidos, o vi apontando para o quarto e brandindo mais alto e grave que jamais havia feito em nenhuma outra noite.

Olhei para minha mãe, como que em despedida até o dia seguinte. Ela estava no canto da área de jantar, já de pé, com as mãos no rosto, não sei ao certo se por medo, para esconder os hematomas ou devido às lágrimas que escorriam pelas suas fundas bochechas vermelhas. Saí às pressas do chão, correndo em direção ao banheiro, onde passei alguns minutos me lavando e tirando aquela roupa suja, enrolei-me em minha toalha, caminhei até meu quarto e troquei de roupa após fechar a porta. Embora a porta do banheiro e do meu quarto fossem de uma madeira dura, não se era possível deixar de os gritos e barulhos vindo da sala e da área de jantar. Urros, berros, soluços e choramingos. Mesa, quadros, pratos e copos sendo quebrados e arremessados por garras em uma tempestade de fúria após cansar-se de desferir golpes e chutes contra mamãe.

Meus olhos enchem-se de lágrimas e choro silenciosamente em meu quarto ouvindo os gritos e soluços abafados vindo do outro lado das paredes. Sem que pudesse fazer nada, sinto minhas pernas fraquejarem e, aos poucos, deslizo pela parede até sentar no chão com a toalha ao redor de meu pescoço, algumas lascas do papel de parede caem junto a mim quando

minhas costas deslizam pela parede, e ali fico, aos prantos sentado no chão ao lado de minha cama, até que vejo algo debaixo da cama. Levanto o lençol e demonstra se minha velha caixa de lembranças. Uma caixa de papelão retangular com a palavra “Lembranças” escrita de um lado com letras mal grafadas de uma caneta preta.

Começo a revirar os itens da caixa e, entre alguns brinquedos e trabalhos antigos da escola, noto algumas coisas no canto da caixa que me chamam atenção. Estendo minha mão e as puxo, elas saem junto a uma camada grossa de poeira que voa para longe após eu assoprar e, então, olho melhor para a foto. Na primeira delas está um casal de lado, um homem com cabelo preto, olhos castanhos e um rosto quadrado abraçado a uma mulher de cabelo ruivo preso por um coque, uma camisa preta justa e uma calça branca. Viro-a e lá estão os nomes dos meus pais no verso da foto, como eu bem me lembrava de mamãe ter me contado há muitos anos. Embora meu pai tenha morrido quando tinha apenas cinco anos de idade, lembro-me de alguns flashes e lembranças daquela época, em específico as que mais me marcaram.

Lembro-me, também, de dias banais onde pegávamos nosso carro, dirigindo pela estrada principal da cidade até a sorveteria do centro, onde passávamos a tarde ensolarada nos deliciando com sorvetes e caminhando pelas lojas de roupas infinitas, onde mamãe fazia-nos esperar até que ela experimentasse algumas peças para, então, sairmos de mãos abanando pois, segundo ela, nenhuma peça de roupa havia lhe agradado. Lembro-me dos dias em que papai levava-me ao parque e me empurrava na gangorra, de quando ele simplesmente chegava do trabalho e entrava pelo meu quarto com um boneco de ação fingindo ser um vilão mirabolante do meu mundo imaginário. Olho ao meu redor, observando as paredes do quarto. Ele ficaria orgulhoso. Sempre dizia que tinha uma imaginação fértil e sem limites, me incentivando dia após dia para que continuasse com meus desenhos, minhas histórias e, hoje, olho ao meu redor vendo o quarto abarrotado de desenhos pregados nas paredes e diversos brinquedos de pelúcia e bonecos de ação sobre uma estante, na parede mais afastada. Vejo desenhos de seres mágicos e pessoas místicas, vejo animais que criei, pessoas da rua que desenhei, cavaleiros destemidos e diversos outros enfeitando o quarto.

Pulo para próxima foto e vejo um homem alto de cabelo louro, olhos verdes escuros e uma barba por fazer e minha mãe com seu cabelo natural castanho, com uma calça jeans e uma camisa amarela de tecido fino e mangas compridas. Lembro-me bem dessa foto, fora eu quem a tirou. Após a morte de papai, mamãe deixou de pintar seu cabelo de um vermelho intenso e deixou o castanho escuro natural dar-lhe vida. Após a morte de papai, eu fiquei triste, senti um vazio dentro de mim, uma sensação de dor que não conseguia explicar naquela época. Após a morte de papai, mamãe passou a dar mais atenção para mim, passou a cuidar mais de mim, me colocar para dormir e me levar ao parque. Pouco depois de a morte de papai, tudo isso acabou. A atenção, o parque e até o vazio da casa era preenchido por um homem alto e loiro que passou a frequentar cada vez mais nossa casa.

Na época mamãe diziam serem apenas amigos, mas as visitas acabaram se tornando mais frequentes e duradouras. Não demorou muito tempo para que mamãe dissesse que ele viria a se tornar meu novo pai e que eu poderia considerá-lo assim. Primeiro eu havia ficado confuso com tudo aquilo, *como mamãe conseguira superar papai? , como ela podia esquecer-lo*

tão facilmente e como poderia eu preencher o vazio que meu pai deixara com outra pessoa? ... Essas eram perguntas que surgiam em minha cabeça na época e deixavam-me revoltado, mas com o tempo, as visitas, as conversas e, especialmente os brinquedos, que eu devo confessar eram muito bons, acabei me acostumando e aceitando esse novo ser estranho em nosso círculo de família. Como padrasto, jamais como pai.

Essa foto em minhas mãos, tirada frente à janela da sala, foi fotografada por mim há apenas dois anos. Pouco antes de meu padrasto começar a sair durante a noite e voltar pela madrugada arrastando seus pés e pisando forte no piso, cambaleando de bêbado. O tempo fora passando e tudo foi desmoronando por água abaixo. Minha mãe viu seu namorado passar de um príncipe encantado para um velho bêbado com a barba por fazer, olheiras sob os olhos e uma garrafa de vidro com resto de cerveja enquanto rastejava-se do bar até a nossa casa. Seu vício por bebidas alcóolicas não cessou, começava sempre com um “Apenas um golezinho” e “Eu sei meu limite, amor” até acabar em uma discussão durante a madrugada. Dia após dia vivendo esse cotidiano. Dia após dia avançando pela noite como um bebum até que um dia ele parou de vir à nossa casa. Eu não soube se morrerá, se fora embora ou se passou a morar no boteco onde tanto frequentara... Apenas que de um dia para o outro desaparecera.

Mas a sorte parecia estar desfavorável para nós, pois, após a morte de meu pai, as bebidas de meu padrasto e finalmente seu sumiço, algo pior passou a frequentar nossa casa todos os dias. Como numa maldição. Ele abre a porta de nossa casa, entrando em passos incertos, grita e esbraveja sua raiva entre urros e pontapés. Entrei em pânico ao vê-lo pela primeira vez, tentava apontá-lo e mostrá-lo à minha mãe, mas ela apenas fitava-o e parecia aceitar seu destino cabisbaixa até o dia em que, furioso com minhas declarações incessantes, o monstro acertou-me um tapa em meu rosto e um soco em minha mãe, quando ela corria em minha direção para me proteger, fazendo-a ficar com os hematomas durante as duas semanas seguintes. Desde então permanecemos apenas quietos em nossos lugares, cabisbaixos e calados, torcendo para que o monstro não nos agrida ou mate-nos.

Coloco novamente as fotos em seus lugares na caixa de lembranças com um olhar triste e, vejo um antigo desenho do qual não me lembrava surgir no fundo da caixa, afasto alguns brinquedos e itens para o lado e agarro aquela folha, puxando-a para cima, então, as lembranças começam a vir a tona em minha mente. O dia em que desenhara aquilo. Era meu último aniversário, durante o verão, o mesmo que estava-me lembrando à mesa mais cedo, antes da janta. Eu estava na janela da sala olhando o sol despontar no horizonte, naquela altura mamãe já havia saído para trabalhar e meu padrasto não havia chegado ainda, até que ouço o barulho metálico dos cadeados e o rangido da porta de entrada se abrindo. Ele entra cambaleando, se apoia na porta, dá três passos para frente em direção ao corredor e cai, apoiando-se a uma escrivaninha, levando os dois ao chão. Corro para ajudá-lo, porém tropeço no carpete da sala e caio ao seu lado.

- Saia daqui seu moleque! – Ele exclama com a língua enrolada, devido à bebida, e com as palavras arrastadas.

- E-Eu só estava tentando ajudar – Digo me levantando com os olhos marejados.

- Eu não preciso da sua ajuda... – Esbravejou com sua voz grossa. Ele estava com sua barba por fazer, seu cabelo despenteado e as olheiras indicando que virara a noite.

- Ahm... O senhor está bem? – Pergunto preocupado.

- É claro que estou... Não está me vendo por acaso?

- Hey... O senhor sabia que hoje é meu aniversário? – Digo inocentemente em tom alegre.

- Ah! Mesmo!? – Ele dizia fingindo surpresa. Na época não havia entendido ainda – Você quer um presente?

- Quero!

- Vem com o tio então que eu o deixei lá no quarto... – Ele disse estendendo-me a mão.

Naquele dia eu não entendia direito o que estava acontecendo, simplesmente agarrei sua mão em direção ao quarto de mamãe, onde eles dormiam na cama de casal. Na noite daquele dia, em lágrimas, sentei-me em minha cama e passei a rabiscar a folha do meu caderno de desenho, com a imaginação fértil que tinha, criando uma espécie de novo monstro. O lápis se movia rápido e forte rabiscando toda a folha. Daquele dia em diante, passei a vê-lo como ele realmente era.